

**REDACTOR PRINCIPAL**
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tahlaba-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NA BARBARA ALEMANHA NO PORTUGAL CIVILIZADO

Tinhamos dito, num dos nossos artigos acerca da momentosa questão do inquilinato, que a lei alemã era mais perfeita do que todos os diplomas que em Portugal tem aparecido. E' mais perfeita por uma simples razão: em Portugal legisla-se para favorecer o senhorio, na Alemanha decreta-se para proteger o inquilino.

A lei alemã não se limita a moeda de artigos, dos quais se possam tirar conclusões diversas e absurdas, que estabeleçam uma dúbida linha de conduta entre o inquilino e o senhorio, o proprietário do edificio. Lá vai-se mais longe, sujeita-se o inquilino ganancioso, que aluga quartos e parte de casa por quantias exorbitantes, a um regime tão rigoroso como a que o próprio senhorio está sujeito.

Não se pode, na Alemanha, sem autorização oficial: demolir prédios ou parte de edificios; nem alugar, para fins industriais ou comerciais, casas que até 1 de outubro de 1918 tinham servido de habitação, nem tampouco transformar, para alugar, vários apartamentos num só compartimento. Os proprietários ou indivíduos que vivem do aluguer de quartos, quando quiserem alugar as casas, são obrigados a anunciar o número, situação e dimensões dos apartamentos e ainda o número de locatários que os occuparão.

Se, por exemplo, morre qualquer locatário, a sua morte deve ser participada no prazo de três dias, assim como deve ser igualmente participada a saída dos locatários.

Logo que a casa se encontre deshabitada o senhorio é obrigado a participá-lo.

Assim as estações oficiais estão ao facto de tudo quanto se passa entre senhorios e inquilinos.

Como nas cidades alemãs o aumento de população é considerável, há, como haveria aqui, toda a conveniência em aproveitar todas as casas, todos os cantos, onde um indivíduo ou uma família se possa alojar. Por isso o luxo de possuir muitas casas, muitos palácios, como alguns ricos possuem, para viver seis meses aqui e outros seis meses acolá, foi abolido.

Tudo aquele que possua mais duma casa, deve indicar qual dos seus edificios principais, onde passará a residir definitivamente.

Tudo este movimento de alugueres está perfeitamente regulado. O inquilino que deseja uma casa para habitar está mandado dum documento a que dão o título de *carta de autoridade*. E como as respectivas repartições estão informadas de todas as casas de locatários, o Estado requisitará, para a que não tem lar, uma das casas desocupadas, que o próprio inquilino tem a liberdade de visitar e ver se lhe agrada ou não.

O Estado pode, portanto, requisitar:

- 1.º As casas ou quartos que estejam livres ou de que não se faça uso;
- 2.º Todas as habitações que não sejam consideradas como domicílio próprio;
- 3.º Quartos ou salas de hotéis para uso especial de pensionatos, hospícios, asilos, etc.;
- 4.º Casas ou anexos; inclusive cozinhas, que em proporção com o número dos seus habitantes, possam ser considerados superfluos ou grandes de mais para o seu possuidor, o que sem consideráveis alterações do edificio seja possível dividilos de forma a serem empregados como apartamentos independentes;
- 5.º No caso de os quartos ou apartamentos acima aludidos não se poderem transformar, devem mesmo assim utilizar-se para alugar pessoas sem domicilio.

Vê-se, pois, que a preocupação dos governantes alemães está em não deixar um só pedaço por aproveitar o que os ricos, os embaixadores ante um grande mal tem do sacrificar o seu bem estar para atenuar a desgraça geral. Há uma certa tendência igualitária que contrasta profundamente

O que há no Porto?

Acontecimentos graves

Por notícias imprecisas, do Porto, que ontem correram na capital, soube-se que naquela cidade se passaram graves acontecimentos, dos quais resultaram alguns mortos.

Até à hora de escrevermos, não recebemos qualquer comunicação do nosso correspondente, possível sendo que algum telegrama que nos viesse esteja retido no correio, como por várias vezes tem sucedido.

Supõe-se, no entanto, que fosse ali votada a greve de solidariedade para com as classes marítimas, pelo que as ruas teriam sido tomadas pela policia e guarda republicana. Numa das principais artérias explodiu uma bomba que matou um agente da policia de segurança do Estado, ferindo outro gravemente. Um automóvel que conduzia o major sr. Ricardo Nogueira, chefe do movimento da Companhia Carris de Ferro, foi pela policia intimado a parar. Como não fôsse obedecida, a força fez uma descarga, tendo uma das balas atingido aquêle official, que faleceu instantaneamente, ficando o chauffeur em perigo de vida.

Esperamos que o nosso correspondente nos informe circunstanciadamente, por carta, do que no Porto se há passado, para elucidarmos os nossos leitores.

A conferencia de Londres

A prepotência dos aliados

PARIS, 7. — Todas as propostas alemãs tendentes a reduzir o quantitativo das reparações, serão recusadas. Os alemães ou aceitarão as decisões de Paris, ou apresentarão, contra propostas que sejam satisfactorias.

O Chanceler Falkenbach declarou no Reichstag que o dr. Simons tinha recebido do seu governo ordem de não aceitar e de não assinar qualquer acordo que o povo alemão não pudesse cumprir. O povo alemão honraria a assinatura do seu mandatário quando este pudesse subscriver a um acordo que judiciosamente examinado mostrasse não ia além dos extremos limites das possibilidades alemãs.

Hermann Muller em nome dos socialistas majoritários preconizou a participação do trabalho alemão na reconstrução das regiões devastadas e a colaboração franco alemã em todos os domínios. Reclamou energicamente contra o desarmamento das guardas civis que constitui um verdadeiro perigo para a república alemã, protestou contra a atitude provocadora dos homens publicos tais como Hugo Stinnes. A seguir, Britched usando da palavra fez o processo dos nacionalistas e disse que na questão das responsabilidades, deve-se reconhecer que foi a Alemanha a culpada. — *Rádio.*

Exige-se dinheiro e valores a mão armada

LONDRES, 7. — Dizem de Paris que o quartel general francês aprovou os planos finais propostos pela Secretaria das operações militares para a ocupação do distrito do Ruhr no caso da Alemanha se negar a obedecer ao ultimatum que foi feito na conferencia de Londres. Um batalhão inglês tomará parte nas operações occupando provavelmente Dusseldorf. — *Rádio.*

A Alemanha continuará a resistir às exigências dos aliados

BERLIM, 7. — A situação criada pela conferencia de Londres continua sendo muitíssimo grave visto que a Alemanha não pode aceitar os pedidos de Paris ou apresentar contra propostas que simplesmente variam na forma.

Entretanto manifestações de toda a Alemanha, de todas as classes e de todos os partidos incitam o governo a não ceder.

Os técnicos económicos alemães tem discutido com os ministros a situação criada e as eventuais consequências das sanções. Não há dúvida que estas são formidáveis mas não há melhor dúvida que a assinatura e a concordância por parte da Alemanha dos pedidos de Paris seriam ainda mais sérias. — *Rádio.*

Reunião proibida

Tinha de realizar-se ontem uma reunião no Núcleo de Juventudes Sindicistas de Lisboa, para serem apreciados vários assuntos de carácter administrativo.

Essa reunião foi impedida por agentes da policia, que se portaram inconvenientemente, demonstrando como estava que a assembleia não tinha de estranhar para que desse lugar a tal intervenção.

Nestas circunstâncias julga-se que as autoridades pretendem forçar as juventudes a reunir secretamente, quando o seu desejo é precisamente o contrario, de forma que todos conheçam os seus intuitos, tam envenenados por quem nisso tem interesse.

A seguir à prohibição, foram presos três membros do Núcleo e o camarada Francisco Pedro Marques, este quando se encontrava já na rua.

E' a mania de prender que se apôsou da policia, sem que os seus actos sejam justificados por qualquer razão ponderável.

A festa de "A Batalha"

A festa que um grupo de dedicados amigos de *A Batalha* promove para o próximo dia 18 está destinada a obter grande êxito. Além de dois actos de excelente teatro, será recitada por um distinto actor uma poesia do nosso camarada Manuel Ribeiro, expressamente escrita para esse effeito.

O prazo concedido às associações para a aquisição de bilhetes termina hoje, estando já passados a maior parte deles.

UM PLANO IGNÓBIL

Querem destelhar várias casas!

E' o que pretende fazer amanhã, no Convento das Bernardas, um bandido, com o concurso de operários

Um apêlo ao operariado da construção civil

Assistimos continuamente a acontecimentos praticados por senhores que se nos afigurariam inverosímeis, se por estas officinas não houvessem desfilado muitas das vítimas, que são as centenas.

Diariamente aqui se dirigem famílias a queixar-se das truculências postas em prática pelos proprietários dos prédios em que tem residido, sendo alguns dos expedientes a que essa cáfila de bandidos recorre tam impróprios de criaturas de sentimentos que nós, que aliás temos assistido à prática de tropelias as mais infames, pasmos da audácia de certos miseráveis que se dizem homens, quando tem instintos de foras da pior espécie.

Vimos de ter agora conhecimento dum plano abominável, que denota da parte de quem o architectou a maior aueência de escrúpulos, parecendo impossível que ele haja partido duma criatura humana, tal o aspecto repugnante que o envolve.

Narremos.

No velho edificio do antigo Convento das Bernardas, à Esperança, residem centenas de famílias pobres, que, à falta de casas, ali fazem moradia, a maioria delas em condições absolutamente desconfortáveis. Várias tentativas tem sido feitas para afastar dali aquela pobre gente, que na impossibilidade de arranjar nova habitação, outra sorte não teria senão a de ficar em plena rua.

Vendido, há tempo, aquele terreno a vários individuos, alguns destes, no propósito de desalojarem os moradores, tem recorrido a expedientes de diversa natureza, sem se preocuparem com a situação em que viriam a ficar os actuais inquilinos do velho pardiêro, que a outra coisa não olham os gananciosos senão a sua febre de ganhuça.

Havendo falhado, por motivos vários, os seus planos, o na ansia de bem depressa verem afastada a pobre gente, premeditam agora esta coisa incrível: mandar destelhar as casas!

Um dos individuos que comprou parte do terreno é o proprietário, simultaneamente mestre de obras, M. Coimbra, que sabemos ter convidado para aquêle ignóbil fim o pessoal da construção civil que trabalha na sua obra da Avenida 5 de Outubro.

E no intuito de assegurar a esses operários que mal algum poderá succeder-lhes, affiançou-lhes que seriam protegidos pela guarda republicana, annunciando-lhes a ignóbil tarefa para amanhã.

Uma exortação do Sindicato Unico da Construção Civil

Conhecendo do torpe plano do referido proprietário, o Sindicato Unico da Construção Civil dirige aquêles o a quaisquer outros operários da industria a seguinte exortação:

Chegou ao conhecimento deste Sindicato que os proprietários do antigo convento das Bernardas, sito na rua da Esperança, pretendendo despedir todos os inquilinos do referido convento, pensam pôr em prática uma infâmia sem nome, como seja mandar destelhar todas as habitações, para assim forçarem os inquilinos a abandonar as casas.

Em face destas violências, o sindicato apela para a consciência de todos os operários da industria a fim de que se não prestem ao repugnante papel de executores duma missão dessa natureza, pois que devem lembrar-se que no referido convento habitam centenas de famílias, que se veriam na contingência de ficar ao rigor do tempo, atenta a grande falta de casas para habitar.

Que todos os operários sigam de perto os maneios desses proprietários sem escrúpulos, que dizem que collocarão a guarda republicana a proteger os operários que se prestem a executar o referido trabalho.

Estamos certos de que não só os operários a quem o miserável se dirigiu, mas também quaisquer homens que honradamente grangeariam os meios de subsistência pelo exercicio duma profissão útil, repellarão indignadamente tam vil convite, que só poderá ser atendido por criaturas desclassificadas.

Não. Decididamente o miserável não encontrará entre a classe operária quem seja capaz de prestar-se a desempenhar tam ignóbil papel.

E' possível que encontre da parte das autoridades toda a protecção para levar por diante a tremenda infâmia, mas acreditamos que entre operários não logrará encontrar um só que o ajude na baixíssima tarefa.

A GREVE

TRABALHADORES DOS JORNAIS

Pulverizando a insidia

Da Comissão Pró-aumento de salário dos trabalhadores dos jornais recebemos a seguinte nota:

«No seu número de ontem afirmava *O Século* que os trabalhadores dos jornais em greve, no intuito de escamotear a consciência nacional, convidaram o sr. Anibal Soares a que abreviasse a publicação dum jornal de que se propõe ser director, para o que os «delegados dos grevistas» lhe teriam oferecido, além de tipógrafos, papel e máquinas, ao que aquêle senhor se opuzera, por solidariedade com as empresas. Acrescenta *O Século* que voltaram os grevistas a insistir com o sr. Anibal Soares, a quem teriam dito que se o seu empreendimento fosse aceite publicariam elles um jornal monárquico e que de facto assim succedeu.

Esta comissão, que representa os trabalhadores dos jornais em greve, opõe o mais formal desmentido às afirmações de *O Século*, declarando, sem receio de contestação séria, que não convidou, nem autorizou quaisquer grevistas a que convidassem o sr. Anibal Soares a sair com o referido jornal, muito menos lhe tendo oferecido tipógrafos, papel e máquinas.

A outra asserção de *O Século* é tam falsa de verdade como as anteriores, porquanto o único jornal que se tem publicado e publica sob a responsabilidade da comissão dirigente do movimento é *A Imprensa de Lisboa*, edição da manhã e da noite. Quanto à

DEBATE DE OPINIÕES

UMA ANALISE

Debate de opiniões... Perfeitamente. Mas se assim fôra somente, não viria eu cá. Esperaria eu ver as minhas reproduzidas por outro para melhor as avaliar. Porém, nestas columnas não se tem debatido opiniões; tem-se combatido teorias e doutrinas, sofismas, princípios, deturpando os factos sociais. Sim, porque não é tudo a mesma coisa... E se é preciso demonstrá-lo à face da filosofia... nunca mais nos entendemos.

Em sociologia, — como no resto, vamos — uma opinião é o verdadeiro da verdade, isto é, uma ilacção sua. Verdade, é o que realmente existe — pela noção dos sentidos; verdadeiro é o que se julga ser verdade — produto da laboração mental sem base concreta. Em rigor... Adiante.

Como à medida que o verdadeiro se transforma em verdade, assim a opinião sai do domínio da metafísica para entrar no da teoria ou da doutrina experimental, conforme a sua esfera de acção; e estas estabelecem os princípios dimanados dos factos.

Ora o sindicalismo já não é um agredado de opiniões; é uma doutrina sociológica; e, tal como tem sido aqui apresentado, eu não posso ser sindicalista.

Não tenho a pretensão de querer dizer sobre o assunto a ultima palavra. Isso fica para os mais aptos. Venho apenas tentar arrumar esta casa para receber condignamente as visitas. Se o não conseguir, outro que o intente; se o conseguir, peço a todos que aqui entrem que se sentem e conversem mas não desarrumem os móveis...

Se me é permitido, começarei por expor a minha opinião sobre os artigos publicados e se os camaradas redactores e leitores da *Batalha* ampliarem a sua benevolência, terminarei por também expor as minhas opiniões sobre o assunto, vencendo a minha reticência com o ardente desejo de algo ter em beneficio da causa comum.

(*A Batalha* de 25-11-920) *Distinguo!* Sindicalismo, Anarquismo, ou Colectivismo? Eu não estou com aquelles que lhes atribuem igualdade aos fins, só divergência nos meios. Quando muito haverá igualdade nos princípios. Ou então não percebeu em nada disto.

Compellir uma organização sindicalista, caracterizada integralmente, a prática dum movimento revolucionário, ou a aproveitar-se dum eventual, para desenvolver um programa politico socialista ou simplesmente radical e pretender atacar os adversários dessa acção com alusões irónicas à moral anarquista, afigura-se-me um amalgaма literário, cujo conceito, se se procura no fim do artigo, não pode ser lisonjeiro para as intenções de quem o subscrive. Ou será preciso dizer o que se entende por Anarquismo, Sindicalismo e Colectivismo? Para Rates, não, que elle conhece bem o terreno que pisar; e por isso não compreendo a confusão desta salada.

Não me atribua puritanismo porque eu considero-o o preconceito daqueles que o preconceito combatem.

Também não enfileiro ao lado daqueles que consideram prematura e intempestiva a discussão do que deve ser isto amanhã; implicitamente reconheço — agora mais do que nunca — a necessidade de nos orientarmos, a fim de atingirmos depressa e bem o ponto que almejamos, uma vez que um facto anormal — a guerra — desviou o curso previsto da evolução, collocando-nos num ponto desconhecido. Mas por isso mesmo, para isso e para isto, devemos começar por consertarmos a nossa bússola...

(*A Batalha* de 7-12-920). Que me desculpem, mas este provoca uma formidável gargalhada que não visa o autor mas a discordância das opiniões por elle expostas.

«O estado de coisas socialistas» para que o sindicalismo caminha não é colectivista nem anarquista; é simplesmente... sindicalista!

De cada vez me vou convencendo mais de que nós não sabemos o que queremos, pois que, Rates, parecendo reconhecer esta finalidade nos períodos seguintes, fala depois em usurpação de afirmações politicas aos anarquistas, (usurpação...? Política...?) prossegue negando aquella finalidade própria «porque o objectivo sindicalista é irrelevável sem a socialização da propriedade e dos meios de produção» (a finalidade do sindicalismo...) que os anarquistas querem fazer a seu modo inflando na organização sindical que tem «aspirações indefinidas» e termina por dizer que os sindicatos não devem fazer colectivismo nem anarquismo (pois... sindicalismo é que elles fazem!) para não cairmos num «estado de coisas caoticas»; (mas o anarquismo...) insurge-se contra a influencia dos anarquistas na organização sindical (mas a questão é de homens!)... cuja finalidade supõe ser igual (!) e sugere um puritanismo levado ao exagero para achar incongruentes a moral anarquista e a prática sindical, esquecendo-se de que o predomínio nestas condições é apenas moral, portanto tolerável e até certo ponto defensivo e de que aquelles que assim procedem alijaram um preconceito até em grande parte já banido na organização anarquista, facto que nem por isso tira a esse ideal a sublimidade da sua concepção. Porque não há de os sindicalistas querer a C. G. T. se ela é indispensável, se é o centro da periferia sindical, ligando-se aos sindicatos e ligando estes entre si? Se ela é a parte integrante dum todo? Como dispensar a C. G. T. após a revolução?

Sindicalista, se o sindicalismo quero perdurar?

Estou a ver que esse novelo não está só enroscado; está tamém embarçado e muito...

(*A Batalha* de 14-12-920). Não é bem assim.

A transformação operada no sindicalismo não importa a modificação da sua attitud para com as opiniões e doutrinas dos seus filiados. O sindicato pode ter as ideias que a sua suggestão lhe radicon sem que isso prejudique a necessidade da existência e o valor social do sindicato. Isto é o principal porque é a vida; mas sem luta não há vida e por isso mesmo o choque dessas ideias, dentro dos sindicatos onde os individuos estão ligados aos fins materiais comuns, sugere ao organismo uma directriz à sua acção que passou a ser intervencionista, directa ou mista. (Oportunista).

De qualquer maneira age e isso é o essencial.

Continuam a serem indifferentes e até a adaptarem-se um pouco, as prévias opiniões de cada um.

Surge nesta altura o objectivo futuro.

Um grande ponto de interrogação apparece à frente do sindicalismo. E ainda muito naturalmente, resultante mesmo da diversidade de opiniões e doutrinas dos sindicatos, estabelece-se a equação, idealizando-se um sistema que a todos satisfaz; (aos anarquistas transitoriamente e por isso é deles a maior transigência, aliás natural) e assim se opera, no campo moral, a comunidade no objectivo futuro, em relação com a que já existia, no campo material, quanto ao objectivo immediato. Ou seja o milagre da pereira dar ananazes...

Esse ideal não deve a autoria à ninguém; é uma revelação da evolução social. Mas, accentue-se bem, esse ideal não é politico e portanto, por esse lado, não faleceu o sindicalismo a sua missão. Ele brotou tam naturalmente, está por tal forma no animo da evolução social, com uma precisão tão infalível, que parece mais seu exclusivo produto que resultado da laboração mental.

E, na evolução, a primeira forma da emancipação proletária e produz-se (note-se este particular) da mesma forma como se produziu em tempos passados a emancipação da classe ecclesiastica, da classe burguesa, das classes liberais etc. — por meio de agrupamentos apropriados. Simplesmente, a emancipação dessas classes operou-se em relação com o meio, pelo predomínio pessoal, ao passo que ao proletariado é inerente outra especie de emancipação que só se adapta noutro ambiente; (o cooperativismo, mesmo sindicalista, não é uma emancipação proletária) não quer o seu predomínio de classe, quer o predomínio da sua função social: o trabalho. E esse está tam assegurado que os seus propulsores, os sindicatos profissionais, autômas da evolução, dia a dia se vão resignando e transformando naturalmente, resistindo contra todos os embalses, zombando dos apóstolos e das reformas artificiais, sujeitos a uma lei suprema que não é juridica nem divina... é natural.

Rates vê nas palavras de Sousa um sentido que, para mim, elas não tem. Emancipação operária não quer dizer substituição por, quer dizer livrar-se de sem que isso signifique para substituir-se a.

Rates estranha que queiramos a posse dos instrumentos de trabalho e preconizemos a direcção sindical porque lhes não encontra relação com a sociedade livre que almejamos! Mas essa relação está no proprio modo de ser das nossas doutrinas; e, ressaltando a relação que existe em todas as disposições vagas, a harmonia verifica-se...

Eu suponho que o erro de Rates consiste no facto de attribuir ao sindicalismo, como objectivo futuro, o comunismo anárquico tal como os grandes economistas da especialidade o preconizam e que também prevêem na ordem natural das coisas, quando o objectivo dele é, sim, um comunismo, mas inteiramente differente do anárquico; um ponto intermedio. Simultaneamente, um laboratório para depuração do meio, um hospital para tratamento das mentalidades e uma escola para as futuras gerações se adaptarem a novas fórmulas economicas. E isto tudo, a não ser que lhe modifiquem a definição no sentido proposto por Emilio Costa, sem a dilatação do proletariado, talvez, sim, pelo poder da classe trabalhadora, mas nesse caso o aspecto de transitorio dependerá da evolução social e não de previas intenções, assim á maneira de magia...

(Conclue).

Serafim PINHEIRO.

NA AUSTRIA

Um levantamento contra o despotismo militar

VIENA, 7. — Houve um grave levantamento militar em Raaba. Dois officiaes que ordenaram a applicação de castigos brutais foram mortos. As tropas barraram os aquartelamentos. Os soldados submeteram-se, sob a promessa de que não seriam castigados, mas esta promessa não foi cumprida e dois officiaes que se tinham juntado aos revoltosos foram fuzilados.

Outras notícias dizem que foram tamém fuzilados 30 mil soldados. — *Rádio.*

(2) CONGRESSO NACIONAL METALÚRGICO Intensificação e desenvolvimento da Metalurgia Nacional pela introdução da siderurgia no País

(A discutir no Congresso Nacional da Indústria que se realizará em Tomar, no mês de Abril)

Portugal, que é constantemente apodado de ser um país essencialmente agrícola, e com condições climáticas e geográficas verdadeiramente privilegiadas, e uma área continental de 89.106 quilómetros quadrados, e que tem apenas uma população fixa de 5.960.056 habitantes, importa ainda anualmente, para o consumo nacional, quase 30.000.000.000 de alimentos, na sua maioria de origem agrícola—cereais, farináceos, arroz, batatas, queijo, etc., etc.

Nem podia deixar de ser assim, aliás morreriam todos de fome! É isto porque o país, que falsamente é considerado como país agrícola, conserva ainda quasi metade da sua área por cultivar. É uma barbaridade, é um crime de lesa humanidade que importam produtos agrícolas e deixar tanta terra inculta, abandonada e improdutiva.

Um país que possui regiões como o Alentejo, com vastas e ricas planícies,

onde se pode aplicar a mecânica a todos os trabalhos agrícolas, pondo assim em prática a cultura científica e intensiva, não se compreende que tenha de comprar no estrangeiro uma boa percentagem de géneros de produção agrícola para alimentar os seus habitantes.

Esses géneros custam lá fora preços fabulosos e tem que ser pagos em ouro—um dos principais factores da carestia da vida.

É sem embargo, todos esses géneros podem e podem ser produzidos abundantemente no país e por preços módicos, evitando-se assim o exodo de tanto ouro e o agravamento do custo e escassez da alimentação.

Para isso, porém, necessitamos de aproveitar mais conscienciosamente e inteligentemente o solo nacional, seguindo os processos da técnica científica moderna, empregando os métodos de cultura intensiva com sementes seleccionadas e,

a fertilização das terras pelas colmatagens e adubos apropriados.

Além disso, precisamos fazer as irrigações indispensáveis aos muitos e variados ramos de cultura, aproveitando as águas do sub-solo ou o represamento das águas das chuvas por meio de diques e albufeiras que virão a prestar um grande concurso ao desenvolvimento da agricultura nacional, especialmente no Alentejo, onde a água não é muito abundante.

Porém, para a efectivação de todos estes trabalhos é mister muita maquinaria, tanto industrial, como agrícola; são necessários todos os tractores e alfaias agrícolas que a moderna lavoura mecânica requer.

E, nós, mau grado nosso, não fabricamos ainda todas essas máquinas, nem tractores, e nem sequer todas as alfaias agrícolas para o consumo nacional.

E se não as fabricamos não é porque os operários portugueses não tenham facilidade de assimilação e de adaptação a todos os trabalhos, p. r. mais meticulosidade e precisão que esses trabalhos requeriam; mas sim porque os dirigentes não têm dado o indispensável incremento à metalurgia nacional que só se pode desenvolver completamente pelo estabelecimento da siderurgia no país, que, indiscutivelmente, reúne todos os predicados para isso.

E quando nós atentamos na drenagem do ouro nacional, mercê da importação de uma boa parte dos géneros alimentícios que consumimos; da importação do ferro, aços e outros metais e

da hulha e dos respectivos sub-productos para consumo da metalurgia e outras indústrias, da importação da maquinaria industrial, tractores e alfaias agrícolas que não produzimos; e, finalmente, quando examinamos devida e conscienciosamente os recursos e riquezas naturais de Portugal, abandonadas e improvetadas, perguntamos como é que há ainda criaturas que dizem-se amigos da sua terra, amigos da sua pátria, possam condenar e opor entraves à implantação da siderurgia no país?

Sim, senhores governantes! Sejam quais forem os interesses materiais que alguns de vós tenham ligados às casas importadoras, nós, os trabalhadores conscientes, os trabalhadores revolucionários, que sistematicamente e constantemente somos apodados de traidores e vendidos, não podemos conceber que os senhores, que permanentemente arrojam patriotismo, não só não procurem desenvolver as indústrias nacionais, como ainda oponham obstáculos aqueles que porventura as queiram desenvolver.

E, é tanto mais inconcebível e estranho esse procedimento, quanto é certo que quem mais vinha a lucrar com o desenvolvimento industrial e em grande escala o desenvolvimento do país eram precisamente os senhores dirigentes. Quanto mais prosperas e florescentes fossem as indústrias, mais e maiores lucros teriam os industriais, mais e maiores contribuições o Estado lhes poderia lançar.

O ouro que vai para fóra do país podia cá ficar, e, embora a maior parte dele fosse para as classes dirigentes se banquetearem, o resto sempre havia de atenuar um pouco a miséria e a fome que lavram nos lares proletários.

Mas não! As indústrias não se desenvolvem, as riquezas nacionais não se aproveitam e o ouro continua saindo criminosamente do país, agravando-se assim, cada vez mais, a tremendíssima e desesperadora crise económica e financeira em que estamos envolvidos, que tanto nos vexa e oprime.

A estatística da importação de máquinas, artigos e manufacturas metalúrgicas, e carvão para o consumo nacional, que a seguir publicamos, demonstra bem quanto poderia ser reduzido o exodo do ouro para o estrangeiro se introduzíssemos a siderurgia no país, e se aproveitássemos os jazigos de minérios metalíferos e os carvões fósseis nacionais.

O montante em ouro das importações mencionadas nessa estatística é verdadeiramente fantástico e oneroso de mais para um país desorganizado e mal administrado como é Portugal.

A estatística é a de 1914, porque é a que melhor corresponde ao nosso objectivo, visto que as dos anos ulteriores são insuficientes para acusarem menos importações em virtude da guerra, que paralisou quasi totalmente o tráfico marítimo.

Estatística da importação de máquinas, artigos e manufacturas metalúrgicas em 1914

Aparelhos de destilação e concentração no vácuo (cobre), 9.232 quilos, 3.518; aparelhos e máquinas eléctricas, 538.889, 249.239; aparelhos e máquinas litográficas e seus pertences, 12.425, 6.670; aparelhos e máquinas litográficas, 105.559, 58.391; aparelhos, máquinas de toda a espécie até 50 quilos, 99.263, 57.880; aparelhos, máquinas, pesando de 50 até 100 quilos, 61.444, 45.109; aparelhos, máquinas, pesando de 100 até 500 quilos, 334.198, 153.242; aparelhos, máquinas, pesando de 500 até 1.000 quilos, 511.874, 151.688; aparelhos, máquinas, pesando de 1.000 quilos para cima, 4.358.053, 1.120.908; blankets e lappings, 10.157, 22.338; calceiras, padanheiras, compressores de caixas e leno, debulhadoras, aparelhos de lavoura a vapor, 899.852, 187.463; peças separadas dos mesmos e peças de charrua, 81.452, 16.338; caracteres e ornato de imprensa (fundição), 47.508, 48.795; contadores para água e gás, 8.908, 13.652; cilindros de cobre para estamparia (gravados), 3.749, 4.335; geradoras de vapor, 319.622, 81.575; instrumentos de medição de cálculo, observação e precisão completa em peças separadas, 130.729, 216.610; instrumentos e aparelhos de cirurgia (completo ou peças separadas), 5.015, 22.173; instrumentos e aparelhos

para laboratórios químicos, 29.359, 13.592; instrumentos e ferramentas para as artes e ofícios, 738.672, 339.324; instrumentos, ferramentas e utensílios para agricultura e jardinagem, 224.257, 308.333; instrumentos musicos (não especificados), 18.601; peças separadas, 1.995, 3.287; máquinas de costura (19.770), 793.604, 188.613; máquinas de vapor, gás ou ar quente, até 30 cavalos de força nominal (278), 165.440, 68.339; máquinas de vapor, gás ou ar quente, de 30 até 100 cavalos de força nominal (43), 216.993, 488.279; máquinas de vapor, gás ou ar quente, de mais de 100 cavalos de força nominal (23), 1.051.007, 259.940; relógios de algebeira com caixas de ouro (5.350), 3.126.378, 46.005; relógios com caixas de outra qualquer matéria (42.544), 80.415; relógios de torre completo com um só corpo de rodagem (2), relógios de dois ou mais corpos de rodagem (9), 15.991; relógios não especificados (83.382), 38.904; peças para máquinas de relógios (513), 2.619.

Embarcações novas de vapor (até 200 m.2 de arcação) (20), 47.390; embarcações novas de vapor (com mais de 300 m.2 (7), 156.040; material completo para caminhos de ferro, 29.518.788, 481.705; automóveis completos (375), 815.234; automóveis incompletos (rodados com motores), 114, 184.448; armas brancas (completas) (748), 2.788; armas brancas (peças separadas) (44), 162; armas de fogo (artilhariia) (9) 47.128.

(Continua)

A suspensão da "Última Hora"

O aumento do preço dos jornais só é viável sendo geral

A Comissão Executiva do movimento dos trabalhadores dos jornais próximo aumento do salário recebeu a seguinte carta dos nossos camaradas editores da Última Hora cuja publicação foi ontem suspensa:

Prezados camaradas da comissão executiva do movimento dos trabalhadores de jornais—pró-aumento de salário.

Os abaixo assinados, componentes da cooperativa editora da Última Hora, tomaram ontem a deliberação de suspender o diário da tarde que vinham editando e vem explicar-vos os motivos que a essa resolução os levaram.

Acima do objectivo de proporcionar a uma quinzena de grevistas os meios de honestamente se manterem durante o período da greve e o de auxiliar os seus camaradas que permanecem sem trabalho, a Última Hora teve como fim indicar às empresas jornalísticas uma solução prática, rápida e justa a dar ao nosso movimento:—o aumento do custo do jornal para dez centavos.

Foi a Última Hora lançada a publico numa ocasião em que, a tarde, não existia nenhum outro jornal nem a 10 nem a 5 centavos—condição esta indispensável para se fazer a experiência do acolhimento publico ao aumento do custo dos jornais, pois de ante-mão sabíamos que, em desigualdade de preço, o publico preferiria o mais barato.

Na vida curta da Última Hora constou-se que nos dias em que apareceu só, sem concorrentes em preço, a venda foi mais compensadora, baixando, porém, gradualmente com o aparecimento sucessivo de outros jornais à mesma hora e de custo inferior: Diário da Tarde, O Tempo, Monarca Nova, Opinião. Nestas circunstâncias, sucedeu o que estava previsto: perante a concorrência de preços entre jornais à mesma hora, o publico preferiu o mais barato, impossibilitando-nos de continuar mantendo com independência a publicação do jornal e os seus cooperadores, pelos processos honestos da venda ao publico e da angariação, sem favores especiais, quasi que espontaneamente adquiridos, de anúncios.

Como o Primeiro de Janeiro—to mar a resolução de passar a vender-se a tostão—estávamos nós convencidos de que o nosso exemplo contribuiria para facilitar a liquidação da greve, e, de facto, tal acontecesse—continuamos servindo-nos dos termos do importante diário portuense—grande, imenso seria o nosso regosio e plenamente justificado o nosso orgulho.

Não quisram, porém, as empresas aproveitar-se do exemplo e da força moral que o nosso jornal—feito por um grupo de jornalistas—lhes dava e persistem em preferir dar ao publico o direito de suspender da legitimidade das suas fontes de receita—como disse o Primeiro de Janeiro ao elevar para 10 centavos o custo avulso dos seus exemplares—ou em continuar vivendo à custa da exploração e da miséria do seu pessoal a cujas reclamações modestas e justificadíssimas de aumento de salário opõem-se a uma tenaz resistência.

Persistem assim as empresas em querer, por mero capricho, manter um preço de venda que, segundo o Primeiro de Janeiro, é insuficiente comparado com os dos materiais empregados na confecção do jornal e com a remuneração razoável do pessoal que sabe trabalhar. Paciência. Por nossa parte, continuamos defendendo o nosso ponto de vista. Desde que as empresas declaram não poder atender as reclamações do seu pessoal e sendo óbvio que os trabalhadores de jornais não podem viver com os salários que recebem, a única solução que logicamente se apresenta é a do aumento de preço—a não ser que, por magnanimidade extravagante, as empresas queiram dar ao publico o jornal por preço inferior ao do custo mas então que o façam sem condenar o seu pessoal a compartilhar dessa magnanimidade à custa da miséria própria e da sua família.

Em conclusão: a experiência feita de um jornal a tostão convenceu os abaixo assinados de que os jornais que possuem uma característica própria, não fallam os leitores de que necessitam, mas com a condição de que esse preço seja fixado para todos. Essa condição, aliás, foi já compreendida pelas empresas quando ao acordarem aumentar de 2 para 5 centavos o preço dos jornais, reclamaram do governo um decreto fixando o actual preço de 5 centavos como mínimo.

E idéntica será—dizem—estamos con-

A BATALHA em Coimbra

Após uma sessão agitada, os empregados de comércio aderem à C. G. T.—Exposição de Arte—Reunião Anarquista

COIMBRA, 3.-C.—Com grande concorência, effectou-se na última terça-feira uma assembleia geral da Associação dos Empregados no Comércio, a qual tinha como principal objectivo resolver se este Sindicato devia ou não aderir à Confederação Geral do Trabalho.

Para a discussão sobre este magno e importante assunto, travou-se acalorada polémica, pois que, premeditadamente, um grupo de camaradinhos caixeiros iam de corbéis preparados para guiar a adesão daquele organismo à C. G. T. e, tam deslealmente o fizeram que logo nos deixaram antever a sua medíocre inteligência, tal foi a maneira grosseira como dirigiram o ataque à Central dos Sindicatos, alta representante das classes trabalhadoras.

Falou Alberto de Matos, que se arvorou em leader do grupo contra a C. G. T., apresentando uma moção que constituia um verdadeiro insulto à organização operária, tendo entre outras conclusões a seguinte:

Considerando que a Confederação Geral do Trabalho é um organismo noio a família portuguesa, a Associação dos Empregados no Comércio resolve não lhe dar a adesão.

Sobre esta moção usaram da palavra José Ferreira Vale, João Vieira Alves e José Campelo, que, dando forma brilhante e serena demonstraram o quanto de injusto era o combate feito à C. G. T., pois que esta organização dá a mais ampla liberdade aos sindicatos aderentes, mantendo estes no seu seio a mais absoluta autonomia que nas suas opiniões quer na sua acção.

Relembra também quanto os caixeiros devem à classe operária quando das suas reivindicações pró-horário de trabalho e descanso semanal, em que receberam o incondicional apoio dos sindicatos operários a quem hoje se devem ligar por intermédio da C. G. T., conformes as próprias resoluções do Congresso da classe realizado em Santarém.

Por fim foi a moção posta à votação, sendo reprovada por grande maioria e resolvido aderir à Confederação Geral do Trabalho.

Após esta votação o leader Alberto de Matos, seguido do seu grupo, retirou amuado da sala da Associação.

Ainda esperamos que estes camaradas ponderem bem no seu pobre gesto e venham a ser no futuro os mais entusiastas defensores da C. G. T.

Nos claustros do Mosteiro de Santa Cruz, realizou-se há dias uma exposição de Arte, organizada pelos alunos da Escola Livre, na qual se encontraram expostos trabalhos de serralharia, marcenaria, entalhado, escultura e pintura, apresentando-se ali objectos de elevado valor artistico executados por novos artistas coimbrêenses.

A Batalha agradece penhorada o convite que lhe foi dirigido.

Brevemente realiza-se nesta cidade uma reunião de alguns elementos que concordam com uma acção absolutamente anárquica dentro do movimento social e na qual tomarão parte alguns camaradas intelectuais que irão ser convidados a dar o seu esforço à causa do comunismo anarquista.

Na reunião, além de outros assuntos, tratou-se da acção e organização anarquista e a reacção em Espanha.

A Irlanda revolucionária

Um combate entre ingleses e irlandeses

DUBLIN, 7.—Ontem houve um combate entre uma força inglesa de 35 homens e insurrectos irlandeses. Foram mortos dois officiaes e dois soldados.

Uma noticia não official diz que o general Smimons foi morto numa emboscada.—Rádio.

Um prodigio de precocidade

MADRID, 7.—Vários médicos observaram um pequeno de seis annos que apesar de carcer de instrução, resolve difficis problemas arithméticos.—Rádio.

vendidos—a altitude que as empresas seguem nesta emergência.

António Damásio Júnior, Barros e Silva, Eduardo Duarte, Gabriel Duarte, Hermano Alves, João Augusto Neves, Manuel Alves Marques, Manuel do Espírito Santo, Manuel Martins, Miguel Martins, Norberto Lopes, Pinto Quartilim e Vitorino Nemésio.

COLISEU DOS RECREIOS

A's 21 horas 2.ª apresentação do interessante numero

OS EXPLORADORES desempenhado pelos pequeninos artistas

Adriana & Charlot

Emocionante campeonato de luta livre entre o colosso campeão RELUYSKOW e o conhecido atleta português CLARO

PROPAGANDA SINDICAL

Nos operários alfaiates

Como estava anunciado, realizou-se ontem na sede dos Operários Alfaiates uma sessão de propaganda sindical, que foi presidida por Artur Correia de Araújo, secretariado Anibal da Silva e José Saraiva de Aguiar.

Falaram Manuel Guilherme de Almeida e Alberto Monteiro, referindo-se à necessidade de fazer uma propaganda activa entre a classe e aos resultados da última greve, apelando para a boa disposição dos presentes. Citam-se as perseguições ao operariado espanhol, aconselhando todos a que se privem de consumir produtos de Espanha.

Carlos Silva fala sobre a questão económica e também das perseguições ao operariado espanhol. Refere-se à educação na classe, fazendo largas considerações a este respeito. Compara o espirito de sociabilidade entre irracionais e entre os homens, tirando curiosas ilações, concluindo por afirmar que só a transformação social terminará com todas as anomalias existentes.

Anibal da Silva e Ernesto Bonifacio referem-se aos presos por questões sociais, alvitrando o ultimo que se abra uma quebra a favor dos camaradas presos.

Foi presente o seguinte protesto, que a assembleia unanimemente aprovou:

Os operários alfaiates, reunidos em sessão de propaganda associativa, conhecendo das jesuiticas perseguições m ovidas pelos reaccionários ao operariado espanhol, resolvem tornar publico o seu mais indignado protesto contra a reacção espanhola, aquela mesma que assassinou Ferrer, e que este protesto seja enviado à C. N. T. por intermédio da C. G. T.

A questão do Panamá

A guerra continua

E os Estados Unidos preparam-se para tirar vantagens...

WASHINGTON, 7.—Dizem do Panamá que dois mil soldados da Costa Rica atravessaram a fronteira e ocuparam Guanabá e Almirante. As guarnições retiraram sem resistência devido à sua inferioridade numerica.

O secretario de Estado, Hughes, depois de conferenciar com o presidente Harding, enviou um ultimatum ao Panamá e à Costa Rica intimando-lhes que cessassem imediatamente as hostilidades.

Vão ser também enviados navios de guerra dos Estados Unidos para os portos do Atlântico e do Pacifico do Panamá e da Costa Rica, para proteger a propriedade e as vidas dos subditos americanos.—Rádio.

AS GREVES

Trabalhadores Marítimos do Porto

A acção da Federação Marítima

O conselho central da Federação Marítima reuniu conjuntamente com a comissão do Porto, resolvendo procurar as entidades competentes afim de se solucionar o conflito marítimo do Porto.

Nos, mau grado nosso, não fabricamos ainda todas essas máquinas, nem tractores, e nem sequer todas as alfaias agrícolas para o consumo nacional.

E se não as fabricamos não é porque os operários portugueses não tenham facilidade de assimilação e de adaptação a todos os trabalhos, p. r. mais meticulosidade e precisão que esses trabalhos requeriam; mas sim porque os dirigentes não têm dado o indispensável incremento à metalurgia nacional que só se pode desenvolver completamente pelo estabelecimento da siderurgia no país, que, indiscutivelmente, reúne todos os predicados para isso.

E quando nós atentamos na drenagem do ouro nacional, mercê da importação de uma boa parte dos géneros alimentícios que consumimos; da importação do ferro, aços e outros metais e

COLUNA ESPERANTISTA

No Popo do Dispo.—A aula de Esperanto começa hoje a funcionar, das 10.30 ás 10.45 horas, leccionando um camarada professor da Federação Esperantista. Pede-se a comparencia de todos os socos inscricos.

A BATALHA no Porto

O pessoal do Minho e Douro, reunido em assembleia geral, saud. A Batalha e suspende a sessão em sinal de sentimento pela morte de Pedro Krapotkine

PORTO, 5.—Reuniu a assembleia geral, na sede da União Ferroviária, do pessoal do Minho e Douro. Presidiu Joaquim Ramos Vieira, secretario por Hermenegildo Passos e Joaquim Ramos da Silva.

Sobre a acção da camarada Carlos Guimarães, referindo-se a algumas passagens ácidas de não estar definida a situação da União Ferroviária perante a C. G. T. O presidente da C. A. pede esclarecimentos e declara que a situação difficil porque tem passado aqua collectividade sindical é que tem dado lugar à imprecisão a que se referiu Carlos Guimarães. Este demonstra as vantagens da C. G. T.; e fazendo uma exortação aos presentes, apela ao mesmo tempo para que a C. A. antes de tomar posse a nova direcção, regularize a situação do sindicato perante a C. G. T., colocando-o num pedestal de honra.

Na sua qualidade de ex-secretário da direcção cessante, aliada a umas palavras proferidas, na sessão anterior, por António Augusto Moreira e Hermenegildo Passos, as quais se encontram exaradas na acção e ferem a dignidade da dita direcção. Lamenta que não se encontrem na sala mais membros da classe, bem como o camarada Moreira; mas como se ach. presente Hermenegildo Passos, pede-lhe que esclareça a assembleia qu a propaganda feita, no boletim ou noutra parte, pela direcção transacta, que originou a derrocada da greve. Hermenegildo justifica-se, afirmando ter um ponto de vista a alvejar e não a propaganda; o ponto de vista são os escritos que feriam pessoalmente. Carlos Guimarães verbera então o procedimento daqueles que tentam ferir susceptibilidades, fazendo ataques à propaganda doutrinária.

Hermenegildo Passos fala a propósito da apresentação de contas e do prazo estipulado na última assembleia para o fazer; apesar do relatório dever ser presente em Fevereiro, está-se em Março e ainda não foi submetido à apreciação dos sócios. Francisco da Silva, presidente da C. A., dá explicações e diz estar na melhor das intenções de, brevemente, trazer as contas referidas, faltando apenas coordenar as despesas e donativos feitos ao pessoal da linha. Carlos Guimarães manifesta-se acerca das afirmações feitas pelo presidente da C. A. contra os promotores da última sessão solene effectuada na delegação de Viana do Castelo accusando-os de possuírem intuítos reservados. Solicita, por este facto, que denunciem as razões que o levaram a fazer tais afirmações. O presidente da C. A., entre outras desculpas, patenteia a sua discordância por a sessão solene ter sido da iniciativa de camaradas do Porto, motivo porque Carlos Guimarães replica que tendo F. da Silva um critério lúcido, como pretende, é de estranhar que considere de intuítos reservados um ansio fremente de se quer elevar a classe ao nível moral que deve ocupar, engrandecendo-a e organizando-a, tanto quanto possível. Como o visado subsista no seu modo de ver, que é o mesmo da C. A., que se coigou para não enviar delegados seus à sessão em referência, Hermenegildo Passos pergunta quais os regulamentos que impedem qualquer camarada de fazer propaganda fóra da área da sede; depois estigmatiza com vemmência o procedimento da C. A., afirmando que se a classe estivesse num estado normal não teria dúvida em pô-la em cheque.

João Figueiredo salienta a necessidade de se intensificar uma propaganda de organização sindical, e por isso mesmo louva os bons intúitos que levaram os camaradas injustamente censurados pelo presidente da C. A. a promover a reunião solene em Viana do Castelo, que agrediu a toda a classe, menos, pelo visto, à C. A. Defende a necessidade de um regulamento interno para a prática do bom senso e especializar a função reguladora da organização social. Carlos Guimarães volta a falar sobre o incidente, condenando a colligação da C. A. para não enviar delegados, precisamente num momento em que, mais do que nunca, se torna indispensável a máxima propaganda, para se demonstrar aos timoratos que a organização ainda não pereceu e para que o desalento não atinja umas proporções de excessivo pessimismo. É preciso que se diga à classe que o insucesso da última greve são consequências oscilatorias das grandes batalhas; não foi positivamente uma derrocada o que se presenciou; simplesmente se observou, mercê de várias circunstân-

cias imprevisas a interrupção duma peleja esforçada que não tardará muito em recomçar. Cita factos passados na testa da delegação e deseja que a C. A. faça o regulamento no mais curto prazo de tempo.

Mateus Ramos Vieira, na qualidade de vogal da C. A., explica que esta não tomou nenhuma resolução para não se fazer representar em Viana; se o não fez, foi devido a ter chegado tarde o officio-convite e não haver tempo para reunir e deliberar sobre a nomeação dos representantes. Após mais varia discussão, é, definitivamente, aprovada a acção.

Antes da ordem dos trabalhos falam, sobre coisas diversas, Hermenegildo Passos, Joaquim Ramos, Branco Megide e Carlos Guimarães, que se refere, com frases sentimentais e de admiração, à morte de Pedro Krapotkine, e à passagem do 2.º aniversário do jornal A Batalha, fazendo, com entusiasmos, o elogio da sua benéfica acção na imprensa operária—em virtude do que foi resolvido enviar o seguinte telegrama:

União Ferroviária assembleia geral aprova a seguinte resolução:—Em homenagem ao 2.º aniversário do jornal A Batalha, a sua direcção, desejando-lhe mi prosperidades, bem como delibera suspender a assembleia geral, por alguns minutos, para a leitura e discussão do manifesto do grande sociólogo Pedro Krapotkine.—Presidente mesa assembleia geral, Joaquim Ramos Vieira.

Hermenegildo Passos, reaberta a sessão, faz as seguintes interações à C. A.:

1.º Que resoluções tomou a comissão administrativa quanto aos individuos que foram admitidos no caminho de ferro durante a greve, em prejuizo dos nossos camaradas que foram desmistiados e que esses mesmos individuos tem procurado entrar para sócios da União, tendo mesmo já conhecido que alguns já foram admitidos?

2.º Porque razão é que os cobradores trazem os recibos das missas de Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro sem o carimbo da União e respectiva assinatura do tesoureiro e numero de ordem?

Presta esclarecimentos a comissão administrativa, dizendo que esses individuos não são considerados como associados, e que, apesar dos cobradores trazerem os seus nomes, eles não foram admitidos; quanto à segunda interogação, esse caso den-se devido à falta de tempo.

Fala Moraes e Branco Megide que se referem aos episódios da recente greve e à situação da greve dos trabalhadores de mar e terra, bem como dos camaradas do Sul e Sueste, presos, verbalizando-se o procedimento canibalesco das autoridades da república, que tentam fazer sofrer todos os enxovalhos a esses dignos camaradas.

Passando-se à ordem da noite, que é deliberar acerca dum pedido de aumento de vencimento aos cobradores, usa da palavra Francisco da Silva, que diz que a comissão administrativa fez transitoriamente um abono, esperando que a assembleia regularize.

Falam ainda vários camaradas, os quais fazem diversas considerações, estabelecendo-se discussão acalorada—perfilhando uns e discordando outros do aumento, terminando Passos por apresentar uma plataforma, deixando ao dispor da comissão administrativa tal deliberação.—C.

TEATROS & CINEMAS

RECLAMES

O successo do Thermidor, no Trindade, é simplesmente esplendoroso, magnifico, brilhante, registando-se as enchentes todas as noites, pois que a peça é, na verdade, um monumento artistico, desempenhado com o maximo brilho, vestida ricamente e com um quadro, o da Convenção nacional, de maxima entusiasmo, todo o publico. Thermidor repete-se hoje.

—Dia de julho, a famosa revista de Eduardo Schwalbach, teve, ontem, na sua 2.ª sessão, o maximo sucesso, com a sua guarda-roupa, recheada de espirito, foras de todos os moldes feitos até agora, brilhante, encantadora, disposta a arrastar ao Eden-Teatro toda a Lisboa. Avida de senhores, —Conforme se annunciou, realizou-se, no Coliseu dos Recreios, a estreia do numero Os Exploradores, desempenhado pelos pequeninos artistas Adriana & Charlot que foram apaudimentissimos. Hoje repete-se o programa de ontem, havendo a acrescentar-lhe um emocionante combate de luta livre entre o campeão do mundo Reluyskowi e o conhecido atleta português Claro homem de muito poder muscular e que vai ser um adversario terrivel. O espectáculo de hoje é pois, interessantissimo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—Zilda, GINÁSIO—A's 21—30.ª Ventoinhas, O Homem dos Suspiros, SÃO LUÍZ—A's 21—Leitiera de Entre Arrolas, POITEAMA—A's 21—A Reda, TRINDADE—A's 21—Thermidor, AVENIDA—A's 21—Reservado para se mostrar, EDEN—A's 21—Dia de Julho, revista, APOLO—A's 21—Burro em pé, revista, COLISEU DOS RECREIOS—A's 21, Leitura e todos os numeros da grande Companhia de circo, SALÃO FOZ—A's 18.30—Companhia de variedades.

A BATALHA

O pessoal do Minho e Douro, reunido em assembleia geral, saud. A Batalha e suspende a sessão em sinal de sentimento pela morte de Pedro Krapotkine

PORTO, 5.—Reuniu a assembleia geral, na sede da União Ferroviária, do pessoal do Minho e Douro. Presidiu Joaquim Ramos Vieira, secretario por Hermenegildo Passos e Joaquim Ramos da Silva.

Sobre a acção da camarada Carlos Guimarães, referindo-se a algumas passagens ácidas de não estar definida a situação da União Ferroviária perante a C. G. T. O presidente da C. A. pede esclarecimentos e declara que a situação difficil porque tem passado aqua collectividade sindical é que tem dado lugar à imprecisão a que se referiu Carlos Guimarães. Este demonstra as vantagens da C. G. T.; e fazendo uma exortação aos presentes, apela ao mesmo tempo para que a C. A. antes de tomar posse a nova direcção, regularize a situação do sindicato perante a C. G. T., colocando-o num pedestal de honra.

Na sua qualidade de ex-secretário da direcção cessante, aliada a umas palavras proferidas, na sessão anterior, por António Augusto Moreira e Hermenegildo Passos, as quais se encontram exaradas na acção e ferem a dignidade da dita direcção. Lamenta que não se encontrem na sala mais membros da classe, bem como o camarada Moreira; mas como se ach. presente Hermenegildo Passos, pede-lhe que esclareça a assembleia qu a propaganda feita, no boletim ou noutra parte, pela direcção transacta, que originou a derrocada da greve. Hermenegildo justifica-se, afirmando ter um ponto de vista a alvejar e não a propaganda; o ponto de vista são os escritos que feriam pessoalmente. Carlos Guimarães verbera então o procedimento daqueles que tentam ferir susceptibilidades, fazendo ataques à propaganda doutrinária.

Hermenegildo Passos fala a propósito da apresentação de contas e do prazo estipulado na última assembleia para o fazer; apesar do relatório dever ser presente em Fevereiro, está-se em Março e ainda não foi submetido à apreciação dos sócios. Francisco da Silva, presidente da C. A., dá explicações e diz estar na melhor das intenções de, brevemente, trazer as contas referidas, faltando apenas coordenar as despesas e donativos feitos ao pessoal da linha. Carlos Guimarães manifesta-se acerca das afirmações feitas pelo presidente da C. A. contra os promotores da última sessão solene effectuada na delegação de Viana do Castelo accusando-os de possuírem intuítos reservados. Solicita, por este facto, que denunciem as razões que o levaram a fazer tais afirmações. O presidente da C. A., entre outras desculpas, patenteia a sua discordância por a sessão solene ter sido da iniciativa de camaradas do Porto, motivo porque Carlos Guimarães replica que tendo F. da Silva um critério lúcido, como pretende, é de estranhar que considere de intuítos reservados um ansio fremente de se quer elevar a classe ao nível moral que deve ocupar, engrandecendo-a e organizando-a, tanto quanto possível. Como o visado subsista no seu modo de ver, que é o mesmo da C. A., que se coigou para não enviar delegados seus à sessão em referência, Hermenegildo Passos pergunta quais os regulamentos que impedem qualquer camarada de fazer propaganda fóra da área da sede; depois estigmatiza com vemmência o procedimento da C. A., afirmando que se a classe estivesse num estado normal não teria dúvida em pô-la em cheque.

João Figueiredo salienta a necessidade de se intensificar uma propaganda de organização sindical, e por isso mesmo louva os bons intúitos que levaram os camaradas injustamente censurados pelo presidente da C. A. a promover a reunião solene em Viana do Castelo, que agrediu a toda a classe, menos, pelo visto, à C. A. Defende a necessidade de um regulamento interno para a prática do bom senso e especializar a função reguladora da organização social. Carlos Guimarães volta a falar sobre o incidente, condenando a colligação da C. A. para não enviar delegados, precisamente num momento em que, mais do que nunca, se torna indispensável a máxima propaganda, para se demonstrar aos timoratos que a organização ainda não pereceu e para que o desalento não atinja umas proporções de excessivo pessimismo. É preciso que se diga à classe que o insucesso da última greve são consequências oscilatorias das grandes batalhas; não foi positivamente uma derrocada o que se presenciou; simplesmente se observou, mercê de várias circunstân-

cias imprevisas a interrupção duma peleja esforçada que não tardará muito em recomçar. Cita factos passados na testa da delegação e deseja que a C. A. faça o regulamento no mais curto prazo de tempo.

Mateus Ramos Vieira, na qualidade de vogal da C. A., explica que esta não tomou nenhuma resolução para não se fazer representar em Viana; se o não fez, foi devido a ter chegado tarde o officio-convite e não haver tempo para reunir e deliberar sobre a nomeação dos representantes. Após mais varia discussão, é, definitivamente, aprovada a acção.

Antes da ordem dos trabalhos falam, sobre coisas diversas, Hermenegildo Passos, Joaquim Ramos, Branco Megide e Carlos Guimarães, que se refere, com frases sentimentais e de admiração, à morte de Pedro Krapotkine, e à passagem do 2.º aniversário do jornal A Batalha, fazendo, com entusiasmos, o elogio da sua benéfica acção na imprensa operária—em virtude do que foi resolvido enviar o seguinte telegrama:

União Ferroviária assembleia geral aprova a seguinte resolução:—Em homenagem ao 2.º aniversário do jornal A Batalha, a sua direcção, desejando-lhe mi prosperidades, bem como delibera suspender a assembleia geral, por alguns minutos, para a leitura e discussão do manifesto do grande sociólogo Pedro Krapotkine.—Presidente mesa assembleia geral, Joaquim Ramos Vieira.

Hermenegildo Passos, reaberta a sessão, faz as seguintes interações à C. A.:

1.º Que resoluções tomou a comissão administrativa quanto aos individuos que foram admitidos no caminho de ferro durante a greve, em prejuizo dos nossos camaradas que foram desmistiados e que esses mesmos individuos tem procurado entrar para sócios da União, tendo mesmo já conhecido que alguns já foram admitidos?

2.º Porque razão é que os cobradores trazem os recibos das missas de Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro sem o carimbo da União e respectiva assinatura do tesoureiro e numero de ordem?

Presta esclarecimentos a comissão administrativa, dizendo que esses individuos não são considerados como associados, e que, apesar dos cobradores trazerem os seus nomes, eles não foram admitidos; quanto à segunda interogação, esse caso den-se devido à falta de tempo.

Fala Moraes e Branco Megide que se referem aos episódios da recente greve e à situação da greve dos trabalhadores de mar e terra, bem como dos camaradas do Sul e Sueste, presos, verbalizando-se o procedimento canibalesco das autoridades da república, que tentam fazer sofrer todos os enxovalhos a esses dignos camaradas.

Passando-se à ordem da noite, que é deliberar acerca dum pedido de aumento de vencimento aos cobradores, usa da palavra Francisco da Silva, que diz que a comissão administrativa fez transitoriamente um abono, esperando que a assembleia regularize.

Falam ainda vários camaradas, os quais fazem diversas considerações, estabelecendo-se discussão acalorada—perfilhando uns e discordando outros do aumento, terminando Passos por apresentar uma plataforma, deixando ao dispor da comissão administrativa tal deliberação.—C.

TEATROS & CINEMAS

RECLAMES

O successo do Thermidor, no Trindade, é simplesmente esplendoroso, magnifico, brilhante, registando-se as enchentes todas as